

# 1.

## Introdução

Optei por iniciar a apresentação desta dissertação a partir da minha<sup>1</sup> história, por compreender, ao final deste processo, que o interesse pela temática desenvolvida foi se delineando no entrecruzamento de experiências pessoais e profissionais, acrescidas por reflexões acadêmicas.

Vivi no complexo da Maré durante a maior parte da minha vida, e é a minha vivência como moradora deste espaço, em conjunto com minha atuação no Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM)<sup>2</sup> que atribuo a origem das indagações que impulsionaram a realização deste trabalho. Minha entrada nesta instituição se deu primeiramente como aluna do curso pré-vestibular comunitário, e subsequentemente como estagiária e psicóloga. Destaco, neste momento, duas experiências que considero extremamente significativas e motivadoras desta pesquisa: a primeira foi como estagiária na Escola de Dança da Maré<sup>3</sup> e posteriormente no Curso Preparatório para o Ensino Médio<sup>4</sup>, como orientadora profissional. O público de ambos os projetos era formado majoritariamente por adolescentes.<sup>5</sup> O contato com estes grupos motivou minhas primeiras reflexões sobre adolescência e sexualidade. O namoro nos corredores, o “ficar”, as paqueras, as suspeitas de gravidez, as mudanças físicas, as primeiras experiências sexuais, e muitas outras questões saltavam aos meus olhos. Entretanto, havia uma imensa dificuldade dos profissionais (no qual me incluo)

---

<sup>1</sup> A dissertação foi escrita tanto na primeira pessoa do singular, quanto na primeira pessoa do plural, de forma alternada, ainda que haja prevalência desta última. Esta opção refere-se ao modo como a dissertação foi conduzida. Mesmo que o trabalho de campo e a escrita tenham sido desenvolvidos exclusivamente pela pesquisadora, todo o processo de análise e discussão foi construído em estreita relação com a orientadora desta dissertação e com os membros do grupo de pesquisa do qual faz parte a pesquisadora (GIPS: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade).

<sup>2</sup> Organização não-governamental de origem popular.

<sup>3</sup> Projeto de arte-educação que incluía a realização de oficinas de dança abertas à comunidade, atendendo crianças, jovens e adultos, no ano de 2006.

<sup>4</sup> Curso preparatório para o ingresso em Escolas Técnicas, oferecido a alunos cursando o 9º ano do Ensino Fundamental, no ano de 2008.

<sup>5</sup> A Escola de Dança também oferecia oficinas para o público adulto, entretanto o universo maior do projetos era formado por crianças e adolescentes.

em trabalhar essas questões coletivamente; os diálogos sobre essas temáticas acabavam se restringindo a conversas individuais.

Leite (2009) constata em seu trabalho sobre “sexualidade adolescente como direito” que a temática da sexualidade não está na agenda dos projetos educacionais e assistenciais voltados a crianças e adolescentes, e quando o tema aparece, é numa perspectiva negativa, vinculada a supostos “problemas” como a gravidez (dita “indesejada”), às doenças sexualmente transmissíveis/Aids e à violência. Neste sentido, a autora argumenta:

A maioria das experiências educacionais no campo da sexualidade voltadas a adolescentes baseia-se fundamentalmente no repasse de informações e mantém uma *perspectiva controlista* dos comportamentos sexuais e reprodutivos (p. 15)

A mesma autora acrescenta que “a sexualidade é abordada quase sempre na *perspectiva de risco* e não na do *direito*, parecendo manifestar um esforço de controle moral sobre os adolescentes” (p.15).

Embora sequer imaginasse que desenvolveria uma pesquisa sobre a temática da gravidez na adolescência, atribuo à experiência nestes projetos e ao contato com os adolescentes o início da minha curiosidade por tal investigação. Ao retornar para o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade (GIPS), após dois anos de formada, passo a ter acesso a alguns trabalhos que refletiam sobre sexualidade pelo viés da garantia de direitos, com foco no trabalho com crianças e adolescentes. Ao assistir o documentário “Meninas” (2006), que apresentava o cotidiano de quatro adolescentes grávidas de diferentes localidades do Rio de Janeiro, fiquei instigada a ouvir outras meninas em situação semelhante. O filme chamou minha atenção, particularmente, porque alguns depoimentos contrariavam a ideia da gravidez na adolescência como um acontecimento indesejado. Isso direcionou o meu olhar para a diversidade de sentidos que podem ser atribuídos à maternidade no período da adolescência. Pouco a pouco, o tema da minha pesquisa começava a tomar forma.

A partir deste momento, comecei a pesquisar com mais afinco o assunto a fim de delimitá-lo. Neste instante, percebi que grande parte da produção bibliográfica sobre o mesmo concentrava suas análises partindo de dados

epidemiológicos e demográficos, reforçando a visão da maternidade na adolescência como um problema social. Foi então que tive contato com as publicações da pesquisa GRAVAD<sup>6</sup> - Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil – e os dados desta investigação realizada com jovens de três capitais brasileiras com e sem experiências de maternidade/paternidade durante a adolescência. As reflexões deste estudo problematizavam algumas generalizações em torno da temática, principalmente o estatuto de *problema social*. Estas apontavam para a necessidade de contextualização das condições sociais e históricas que contribuíram para a percepção da gravidez na adolescência enquanto *problema*. Desse modo, desenvolveremos uma breve reflexão sobre alguns aspectos que contribuem para a percepção social da referida temática.

O assunto ganhou visibilidade em função da redução das taxas de fecundidade nas últimas décadas (BENFAM, 1999). Ocorre que a partir dos anos 80, começa-se a observar um crescimento das taxas de fecundidade no grupo composto por mulheres de 15 a 19 anos, ao passo que o segmento de 20 a 24 anos, onde tradicionalmente se observava as maiores taxas, apresenta uma redução significativa.

As análises demográficas aliadas às novas expectativas sociais em torno da juventude - como período de investimento na escolarização a fim de garantir uma melhor inserção profissional - reforçam a visão da gravidez na adolescência como problema. De certa forma, a gravidez na adolescência é encarada como um anacronismo, pois expectativas, demandas sociais e econômicas induzem a concepção de que essas duas experiências devam ser vividas separadamente. A adolescência é atualmente concebida como um período de imaturidade, de instabilidade, em que a/o adolescente deve viver novas experiências e investir na sua formação pessoal e profissional. Diferentemente, a gravidez requereria uma situação mais amadurecida, estável e estruturada, seja em termos econômicos, profissionais ou pessoais.

---

<sup>6</sup> O projeto Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil (Pesquisa GRAVAD) elaborado, originalmente, por Maria Luiza Heilborn (IMS/UERJ), Michel Bozon (INED, Paria), Estela Aquino (MUSA/UFBA), Daniela Knauth (NUPACS/UFGRS) e Ondina Fachel Leal (NUPACS/UFGRS). Realizado em três capitais brasileiras (Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre).

Cabe ressaltar que essas questões não fazem parte apenas de um “imaginário” social. Elas estão concretamente inseridas nas relações sociais, no modo de organização da sociedade, no que é valorizado socialmente e dentro do mercado de trabalho. O imperativo da formação, por exemplo, para o qual a gravidez é vista como um obstáculo, está estabelecido nas novas condições de trabalho. A queda na oferta de empregos, aliada à demanda de mão de obra cada vez mais qualificada, impõe um retardamento da entrada no mercado de trabalho. Daí a necessidade de diminuir as taxas de fecundidade nesta faixa etária de modo a abrandar a pressão demográfica e seus problemas decorrentes.

A incapacidade de absorver toda a mão de obra disponível, somada à exigência de trabalhadores cada vez mais qualificados, faz emergir uma maior seletividade. Nesse sentido, uma adolescente grávida é vista como alguém que teria dificuldade em atender toda a formação exigida, assim como estaria despreparada para oferecer, a seus descendentes, estrutura, cuidados com saúde, formação educacional adequada, entre outros. Essas demandas atingem todas as adolescentes, independentemente de sua camada social.

Apropriando-me destas reflexões e problematizando os estudos sobre o tema em questão (o qual enfatiza o discurso do risco e suas implicações sanitárias e demográficas), dialogo com a perspectiva construtivista da sexualidade e da reprodução na adolescência. Neste sentido, a pesquisa em questão privilegiou a escuta das adolescentes com o objetivo de conhecer, a partir de seus depoimentos, os modos como as meninas vivenciam a maternidade no momento da gravidez. O trabalho foi desenvolvido em duas instituições<sup>7</sup> públicas de saúde, onde foram entrevistadas trinta e duas adolescentes com idades entre treze e dezoito anos.

O trabalho se estrutura da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresenta uma breve reflexão sobre as diferentes concepções que envolvem a categoria “adolescência”, no qual demarcamos os pressupostos teóricos e filosóficos que orientam o nosso olhar para este grupo. Posteriormente, delineamos um panorama dos principais enfoques que apontam para a visão da gravidez na adolescência

---

<sup>7</sup> A pesquisa foi realizada no Hospital Maternidade Oswaldo Nazareth e na Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com aprovação dos Comitês de Ética em Pesquisa das referidas instituições. As adolescentes eram convidadas a participar da pesquisa no momento da consulta de acompanhamento pré-natal..

enquanto problema. Por fim, apresentamos algumas pesquisas que concentram suas indagações nos sentidos construídos sobre a maternidade na adolescência, em um determinado contexto social. O terceiro capítulo é dedicado ao percurso metodológico, onde apresento o trajeto da minha caminhada até o encontro com as adolescentes grávidas. Apresento também a concepção de entrevista que está presente nesta investigação. Esta concepção se difere de uma dinâmica de perguntas e respostas definidas *a priori* sem levar em consideração o contexto que envolve o encontro dessas duas pessoas (pesquisador e sujeitos da pesquisa). No quarto capítulo, procurei construir um mosaico a partir das diversas questões que emergiram nos encontros com as jovens para, assim, ressaltar a pluralidade de sentidos que são atribuídos à experiência da gravidez. Convido você, leitor, a desfazer as aparências, abrindo novas possibilidades de leitura deste mosaico.